

**A ESCRITA DO PESQUISADOR, TECITURAS FILOSÓFICAS E CIENTÍFICAS:
ENTRE DEVIRES E DEVANEIOS**

**THE WRITING OF THE RESEARCHER, TECITURAS PHILOSOPHICAL AND
SCIENTIFIC: FROM BECOMINGS AND DAYDREAMS**

Cristiane de Castro Ramos Abud¹

Gladys Mary G. Teive²

Resumo: *Este texto é um convite a pesquisadores, filósofos, escritores, leitores, para dar pistas de que é possível traçar outros olhares sob os objetos de pesquisa, tecendo análises, experimentações, aproximações interdisciplinares, para que se formulem outras interrogações, seja inventando, brincando, com diferentes modos de análise da linguagem e suas investigações. Com o auxílio do personagem Zarathustra de Nietzsche que percorre o texto, pretende-se ressignificar o conceito de linguagem como potência criadora da escrita, constituída nas relações de poder históricas e transitórias. Sugerindo, ainda, a bricolagem (KINCHELOE, 2007) como campo de estudo, onde a interdisciplinaridade seria a peça de tecido, recortada em inúmeros pedaços, e a pesquisa seria a costura, as redes formadas pelos retalhos, resultando numa colcha que nunca será novamente o mesmo tecido de outrora; ou seja, sempre abrindo novos caminhos para a investigação e a interpretação. Uma das tarefas essenciais do pesquisador é a de abrir caminhos, modificar e alterar as estruturas e hierarquias que regem a produção dos conhecimentos científicos dados como limítrofes e inquestionáveis.*

Palavras-Chave: Escrita; linguagem; Pesquisa.

Abstract: *This text is an invitation to researchers, philosophers, writers, readers, to give clues that you can trace other looks under the research objects, weaving analysis, trials, interdisciplinary approaches, in order to formulate other questions, is making, playing, with different modes of analysis of language and its investigations. With the help of Zarathustra Nietzsche character that scrolls the text is intended to reframe the concept of language as a creative power of writing, established in the historical and transitional power relations. Suggesting also the DIY (Kincheloe, 2007) as a field of study where the interdisciplinary would be the piece of cloth, cut into many pieces, and the search would be sewing, networks formed by flaps, resulting in a quilt that will never again the same fabric of yore; that is, always opening new avenues for research and interpretation. One of the essential tasks of the researcher is to open paths, modify and change the structures and hierarchies that govern the production of scientific knowledge as neighboring data and unquestionable.*

Key-words: Writing; Language; Search.

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da UDESC (PPGE/UDESC), Florianópolis. Mestre em História do Tempo Presente (PPGH/UDESC). Florianópolis, Brasil. E-mail: nani.castro@bol.com.br.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com estágio de doutoramento em sandwich na área de Currículo Escolar, na Universidad Nacional de Educación a Distancia, em Madri, na Espanha. Professora associada do Departamento de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/UDESC). Florianópolis, Brasil. E-mail: gladysteive@gmail.com.

No fundo, o que nos atrai não é a explicação unificadora. Pode ser a teoria mais fantástica, não importa. O que nos atrai é a simplicidade. O melhor de tudo é a desobrigação de pensar. (Luis Veríssimo, crônica “A teoria unificadora”, O Globo, 26/05/2002, Rio de Janeiro, 7).

1 Sobre escrever e criar

Ao encostar o lápis em uma folha de papel ou, ao passar o dedo na tela do computador, dá-se o movimento do pensar ao registro. São muitas as formas de se deixar uma idéia, uma marca, palavras, reflexões, com ou sem sentimento. Escritas que revelam um pouco de cada sujeito e de todos ao mesmo tempo, escritor e leitor.

Quando se escreve, o exercício da escrita produz sentidos, cria realidades, exerce formas de conhecimento de si e processos de subjetivação, na medida em que ela se torna um dispositivo para subjetivar-se, formar-se e constituir-se, na relação consigo e com os outros, seja ela real ou ficcional.

A produção das subjetividades não é fixa, ela se dá através dos lugares que o sujeito transita, das relações que estabelece em diferentes tempos históricos (BIRMAN, 2000).

Na escrita, o autor não se situa somente no momento presente, mas também no seu passado e no seu futuro, criando situações e acontecimentos, atribuindo-lhes novos significados e interpretações. Neste sentido, é possível pensar a escrita como um dispositivo capaz de mudança, pois relacionada aos processos e experimentações anteriores do pesquisador, é através da escrita que se abre a possibilidade, a potência de transformação de si e do mundo, de inovação, de invenção.

Ler, investigar, refletir, são atribuições do pesquisador, onde a sua escrita se forma como atividade de ensaio, experimentação, lugar e espaço de reinvenção, da escuta, do olhar de si mesmo, ou de realidades, a palavra vivifica as relações, possibilita mudanças, remete a outras palavras, posições e lugares. Uma incessante problematização de si mesmo e de sua relação com a experiência do tempo na história.

A escrita enquanto ensaio, experimentação criadora, consiste em “considerar fascinante a matéria da qual tratamos, em achar interessante o que se está dizendo e chegar ao ponto de falar de algo com entusiasmo, o ensaio é isso” (DELEUZE, 1988).

Criação, destruição, movimento, dança, arte, são as ferramentas de um pesquisar que brinca com as palavras, pelas linhas da página, lança-se, arrisca, subverte estilos, inventa, deseja, pulsa, em nome da liberdade da escrita, proporcionando a (des)construção de

conhecimentos, paradigmas, seus efeitos e processos de produção, tornando a escrita um espaço de aprendizagem e formação. Já soprava aos nossos ouvidos Zaratustra; personagem ficcional literário utilizado por Nietzsche (1991), “De tudo o que se escreve, aprecio somente o que alguém escreve com o seu próprio sangue. Escreve com sangue; e a aprenderás que o sangue é espírito. Não é fácil compreender o sangue alheio; odeio todos os que lêem por desfastio” (NIETZSCHE, 2005, p.66).

Escreve-se com o próprio corpo, com toda sua força pulsante, viva, a escrita transforma a coisa vista ou ouvida em forças de sangue, transforma a própria identidade do escritor (FOUCAULT, 2002, p.143).

É preciso ter alma de pesquisador, manter olhos, ouvidos, boca atentos, um apetite e um paladar sofisticados pelo impensável, o pensamento sensível para a imaginação, que rompa com a comodidade para fazer emergir o que ainda está por vir, onde a arte como campo de experimentação, ganha caráter filosófico, criando conceitos, “affectos e perceptos”, ou seja, “fazer arte da filosofia” (SILVA, 2007, p.12), e ainda, ler para um descaminho, traçar conexões inesperadas para despertar nossos affectos.

Escrever, portanto, não é impor uma única forma de expressão, mas de procedimentos inacabados, de passagens, histórias, travessias que como um belo artesão são polidas, transformadas e dadas a ler. Com a maturidade de que o quê está escrito poderá vir a ser recriado, traduzido, modificado, criticado por outros leitores e outras reescritas, assumindo-se uma postura metodológica que provocará movimentos e intensos deslocamentos de si e de outros.

Percebendo, assim, com essa prática, o quanto nossos conceitos, teorias, são mutantes, ousados, impensados, que não pretendem provar, nem “centrarem-se na verdade, mas sim nos seus efeitos”, que não somente iremos “interpretar, mas experimentar” (SILVA, 2000, p.5).

2 A pesquisa e suas possibilidades

A prática da pesquisa não vem por acaso, ela que nos captura, pois faz parte da nossa própria formação histórica e cultural, formação esta que “marca o lugar discursivo de onde saímos, de onde falamos e pensamos; também de onde somos falados e pensados; de onde descrevemos e classificamos realidades” (CORAZZA, 1996, p. 124). Nossas escritas articulam-se com nossas práticas teórico-políticas e metodológicas, com nossas escolhas, são permeadas de subjetividade, inscrevem-se, incorporam-se aos nossos corpos e almas.

A escolha pelo problema de pesquisa está imbuída da trajetória traçada pelo seu pesquisador, ao levantar hipóteses, ao deparar-se com situações reais e obstáculos que nos fazem repensar e a estranhar nossas práticas e métodos, a experiência, portanto, “traz em si mesma sua própria historicidade, os limites temporais que a delimitam, [...] experiência é a dupla construção, a de histórias pelos sujeitos, a dos sujeitos nas histórias” (NICOLAZZI, 2004, p. 109).

O método ou os métodos não significa adotar uma linha rígida, ele não é um “caminho para saber sobre as coisas do mundo, mas um modo de pensamento que se desdobra em diferentes disciplinas e que as toma como testemunhos de uma questão: a potência do pensamento” (OLIVEIRA, 2012, p. 282).

A experiência adquirida pela escrita e pelas atividades profissionais, leituras, vivências, como subversão que está aqui colocada como proposta de pesquisa, transgressora da ordem, do esperado, do natural, “que contrapõem os códigos comuns do uso linguageiro” (ALMEIDA, 2009, p. 101).

O ensaio da escrita deve ser a possibilidade de uma criação inesperada, um exercício de si para o descaminho, o desconhecido, a metáfora, o monstro, o proibido, o que escapa à norma, “para não mais pensar a mesma coisa”, escrever a história da própria loucura”, como já dizia Foucault, para encontrarmos possibilidades provisórias e parciais, o que exige paciência, perseverança, riscamos, rabiscamos várias vezes nossos materiais.

Pesquisar para não buscar a verdade, mas a multiplicidade dos acontecimentos, a ruptura e a disputa dos conceitos como ferramentas para produzir e reinventar novos conhecimentos que podem ser desconstruídos, fragmentados e desterritorializados, “assim, libertamo-nos do presente e nos instalamos quase num futuro, numa perspectiva de transformação de nós mesmos” (FISCHER, 2001, p. 222); pois a verdade é um ato de criação momentâneo, ela é uma invenção, sendo que são as verdades que estão em jogo e seus “regimes de verdade” (FOUCAULT, 2007).

A prática de escrita como liberdade do pensamento analítico nos permite penetrar em um descaminho, na (des)construção de novos temas, conceitos, aprendizagens, artistagens do escrever, onde, ler-escrever sentidos, conceitos, sensações e pensamentos implica, de alguma forma, em um estado de bio-transcodificação no qual a noção de vida imanente possa ser operada em processos de criação.

Cartograficamente, um exercício de posicionamento constante em relação a elementos de intensidades, “onde procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta

transbordar, forçar o embargo dos adjetivos – que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas” (BARTHES, 1996, p. 20).

É na escrita que nos desnudamos, nos deixamos perceber, revelar, e assim, os tornamos corajosos como Zaratustra, “Quero ter duendes a meu redor, porque sou corajoso. A coragem que afugenta os fantasmas cria seus próprios duendes: a coragem de rir” (NIETZSCHE, 2005, p. 66).

Se Zaratustra pudesse dar algum conselho, talvez ele dissesse, aventurem-se pelos labirintos de uma pesquisa, façam questões aos textos, propunha o conflito entre a subjetividade e a identidade que se supunha forjar, ler é problematizar, percebam as táticas discursivas e não discursivas dos objetos de pesquisa, questionar a vontade de verdade que está presente e que define os discursos e objetos, tomar as ferramentas de análise como instrumentos de combate, ou seja, utilizá-las como uma forma de luta local e regional contra o poder, “para fazê-lo aparecer e ferí-lo onde ele é mais invisível e mais insidioso” (FOUCAULT, 2007, p. 71).

Pesquisar objetos também é analisar historicamente os fluxos históricos das relações de poder, como essas forças foram nos constituindo, produzindo nossas identidades, subjetividades, valores, experiências, sem unificar e sacralizar fatos ou acontecimentos, entender que o sujeito foi forjado por essas relações, o “sujeito autêntico, o homem como sujeito objetivamente prático foi substituído por um sujeito mitologizado, reificado: fetichizado pelo movimento autônomo das estruturas” (KOSIK, 1976, p. 61), não temos mais o controle sobre nós mesmos.

Olhar nossos objetos e interrogá-los, o que posso fazer com isso, como ele foi produzido, funciona, que relações históricas podem ser estabelecidas em outros tempos e lugares, quais são suas continuidades e descontinuidades, “como as coisas funcionam e acontecem para ensaiar alternativas para que elas venham a funcionar e acontecer de outra maneira” (VEIGA NETO, 2003, p. 22).

O consumismo contemporâneo leva o sujeito a uma busca incessante por saberes descartáveis, em nome de um falso pertencimento social, cultural ou político, de uma felicidade e completude momentâneas, a razão subjetiva acabou com o esvaziamento do conceito de igualdade, justiça e democracia, somos pensados por um conhecimento mercadológico, ou seja, vivemos o tempo da “desumanização do pensamento” (HORKHEIMER, 2002, p. 31).

Tantas modificações acabaram por afetar a racionalidade científica. Na modernidade, a ciência positivista constituiu-se como alicerce da verdade. A razão era tida como capaz de garantir um curso unitário da história em direção a uma sociedade plenamente desenvolvida, justa e igualitária. Concebida como uma entidade exterior à sociedade, a ciência foi dotada de características metafísicas como neutralidade e imparcialidade. Nela, foram depositadas todas as esperanças para a solução dos problemas enfrentados pelos homens e mulheres.

Todavia, as transformações em curso na contemporaneidade vêm conferindo limites à racionalidade científica positivista. Silva (1999), entre tantos outros, afirma que a ciência não é a solução para os problemas do mundo; pelo contrário, em se tratando de mais um discurso socialmente construído, a ciência pertence ao problema, o que torna possível indagar o rótulo de produtora de “verdades” com o qual tinha sido agraciada.

Por vezes, ainda nos deixamos arrastar por uma arrogância científica e da técnica que supostamente trouxeram um progresso que não se traduziu numa vida melhor ou mais decente.

Em tempos pós-modernos, o questionamento da ciência abre espaço para aceitação de outros referenciais para a explicação do mundo, seja pelas mudanças nos critérios e procedimentos empregados na sua produção, seja pelo reconhecimento e validação de outras práticas discursivas, como a religião e a mitologia.

A multiplicidade, a pluralidade, a imprevisibilidade e a incerteza são características marcantes do momento pós-moderno contemporâneo e devem ser consideradas na produção dos conhecimentos científicos. Para interpretar a realidade e compreender os discursos sobre ela, torna-se urgente uma concepção de pesquisa que contemple a sobreposição e a interdependência dos múltiplos textos presentes no cotidiano.

Diferentemente da pesquisa positivista, a subjetividade e o posicionamento político não são descartados; pelo contrário, são reforçados. Para a construção de conhecimentos a partir de múltiplas vozes, é preciso saber qual a origem das explicações fornecidas e quais experiências culturais e sociais influenciaram os olhares sobre determinado fenômeno. Ou seja, é preciso ouvir diversas explicações sobre o objeto estudado para que o pesquisador possa percorrer inúmeros caminhos, aproximar-se e, talvez, chegar a múltiplas interpretações.

Bachelard (1996) disse que temos que substituir o “aborrecimento de viver” pela alegria de pensar”, o importante é adquirir instrumentos do pensamento e da cultura, é aprender a trabalhar o conhecimento, o que implica uma atividade metódica, rigorosa, sistemática.

Repudia-se o posicionamento autoritário de aceitar uma única explicação impregnada pelos valores e preconceitos do investigador, quando, politicamente falando, se apresenta como portador dos instrumentos adequados e absolutamente neutros.

A interpretação de fenômenos sociais e a construção de conhecimentos são campos de lutas simbólicas disputadas pelos diversos grupos culturais que compõem a sociedade e tentam fazer prevalecer suas concepções de mundo. Todo pesquisador está influenciado por valores e experiências pessoais, familiares e profissionais, conseqüentemente, não há como reclamar uma posição neutra de quem investiga ou do conhecimento produzido.

O discurso da neutralidade é pura ingenuidade de alguns e esperteza de outros, que empregam o artifício para garantir a hegemonia. Daí a necessidade da multiplicidade de vozes no desenrolar da pesquisa, principalmente daquelas marginalizadas, bem como da explicitação do posicionamento político e epistemológico do pesquisador, onde a bricolagem como forma e campo de estudo vem de encontro com as necessidades atuais do pesquisador.

A palavra bricolagem com raízes francesas, *bricolage*, como o ato de operar através de materiais fragmentários, tem sido atualmente utilizada como método de pesquisa, o que significa tornar-se construtor, artesão ou artista, um “arquiteto do acaso” (JACQUES, 2001), que tem o improvisado como peça fundamental.

Bricolar é, então ricochetear, enviezar, zigue-zaguear, contornar. O *bricoleur*, ao contrário do homem das artes (no caso, o arquiteto), jamais vai diretamente a um objetivo ou em uma direção à totalidade: ele age segundo uma prática fragmentária, dando voltas e contornos, numa atividade não planejada e empírica (Id., *ibid.*, p. 24).

Uma metodologia ativa que ganha corpo dentre um mosaico de interpretações, olhares, questionamentos, assumindo os riscos, as relações de poder implicadas no processo da pesquisa, onde a subjetividade do próprio pesquisador contribui no desenvolvimento da pesquisa, onde ele se torna um “auto-reflexivo com relação a seu próprio papel e ao dos outros pesquisadores em geral no processo de criação do conhecimento e da realidade” (KINCHELOE; BERRY, 2007, p. 22). No método da bricolagem, as verdades tornam-se incertezas, a crítica torna-se uma realidade “que se manifesta como uma permanente reflexão e desconfiança radical frente a qualquer verdade dita, ou estabelecida” (VEIGA-NETO, 2000, p. 47).

Significa, portanto, olhar nossos objetos e interrogá-los, o que posso fazer com isso, como ele foi produzido, funciona, que relações históricas podem ser estabelecidas em outros tempos e lugares, quais são suas continuidades e discontinuidades, “como as coisas

funcionam e acontecem para ensaiar alternativas para que elas venham a funcionar e acontecer de outra maneira” (VEIGA- NETO, 2003, p. 22).

A interpretação não é a descrição de uma realidade objetiva. Ela procura identificar os processos complexos em que pessoas com compreensões distintas da realidade se entrelaçam. O ato interpretativo promove o desvendar de significados e sentidos expressos pelos diferentes participantes, sendo a tarefa do pesquisador analisar as representações. Os “pesquisadores têm que examinar o processo de produção de sentido em termos de seus inter-relacionamentos e a teia de conceitos interdependentes nos quais todo o conhecimento está envolvido” (KINCHELOE, 2007, p. 105).

É necessário empreender uma auto-avaliação e apontar de que lugar se olha e pensa. Somente assim poderá haver alguma clareza do posicionamento assumido durante o processo de interpretação.

O processo de pesquisa requer que o pesquisador perceba a relatividade dos fatos, a linguagem, assim, torna-se produtiva, com a multiplicidade de sentidos em uma visão interdisciplinar dos conceitos, deve-se realizar múltiplos olhares sobre as teorias, demonstrar suas fraquezas, incertezas e instabilidades,

[...] as verdades são provisórias, devem estar abertas à refutação, à busca e acumulação de evidências empíricas através da eliminação de erros, soluções, tentativas, testes das conseqüências dedutivas, refutação de conjunturas, etc. (POPPER, 1982, p.251).

Os resultados, portanto, não são únicos, é tarefa demonstrar uma possibilidade dentro de um dado momento histórico e de um contexto analisado, as hipóteses podem ser modificadas ao longo da pesquisa. Cada ambiente social, político ou acadêmico possui particularidades, assim como as teorias e paradigmas que podem ter suas diferenças, interesses e projetos abertos a críticas, “é preciso libertar-se de toda uma série de noções ligadas ao postulado da continuidade” (FOUCAULT, 2008, p. 87).

3 Produzindo sentidos com a escrita

Zaratustra conseguiu se libertar destas amarras teóricas e científicas, assim falou: “Aprendi a caminhar; desde então, gosto de correr. Aprendi a voar; desde então, não preciso de que me empurrem, para sair do lugar. Agora, estou leve; agora vôo; agora, vejo-me debaixo de mim mesmo; agora um deus dança dentro de mim” (NIETZSCHE, 2005, p. 67).

Fatos, conceitos, tabus, proibições que acabam produzindo delírios, falsos mitos, massacres, crueldades. Temos que “reaprender a aprender”, uma reflexão complexa que engloba o caráter físico, biológico e antropossocial, a aprendizagem contínua é acompanhada pela práxis reflexiva (MORIN, 2005).

A ruptura epistemológica com o senso comum mistificado e com o conhecimento conservador trouxe a possibilidade do conhecimento emancipatório, alternativo e solidário, desvelando suas formas de exercício e mecanismos de dominação. Para Santos (2010, p. 27), isso significa,

Construção social e prática de rebeldia, de subjetividades inconformistas e capazes de indignação, e de campos de experimentação social local onde seja possível resistir e promover com êxito alternativas que tornem possível uma vida digna e decente. Nesse sentido, o novo paradigma não pode ser apenas científico, mas também necessariamente social.

Promover, assim, formas de conhecimento, pesquisas que construam uma rede de saberes, inacabados e imprevisíveis, o “reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos e dinâmicos sem comprometer sua autonomia, um interconhecimento” (SANTOS, 2010, p. 45). Abrindo outras possibilidades para o entendimento das sociedades complexas em que hoje nos movemos e para a própria complexidade das relações entre as culturas.

Assim, há a abertura para novas propostas epistemológicas que apontam para a compreensão do hibridismo e da ambivalência, constitutivos das identidades e relações interculturais.

Sair daquele conhecimento científico engessado para um “espírito científico”, em nome da experimentação, que “foge das certezas, tomando os fatos como se fossem idéias, inserindo-as num sistema de pensamento, demonstrando como um conceito deu origem ao outro” (BACHELARD, 1996, p. 23), portanto, em estado de mobilização permanente.

Sigam os rastros de Zaratustra, “E a isto chamo o imaculado conhecimento de todas as coisas: que nada quero das coisas, a não ser o direito de deitar-me diante delas como um espelho de cem olhos” (NIETZSCHE, 2005, p. 153).

Trazer à tona o conhecimento excluído, destituído de sua capacidade de produção por não pertencer aos círculos dominantes e legitimadas historicamente, é poder nomear o inominável como prática de transgressão (BOURDIEU, 2004), em nome da pluralidade argumentativa dos fatos, “é preciso saber formular problemas” (BACHELARD, 1996, p.18).

Zaratustra, fugia do cientificismo linguageiro que vicia corpos e almas,

Em verdade, encheis a boca de nobres nomes; e nós deveríamos acreditar que é vosso coração que transborda, ó mentirosos? Mas minhas palavras são palavras fúteis, desprezadas, tortas: gosto de recolher o que cai debaixo da mesa durante os vossos banquetes (NIETZSCHE, 2005, p. 154).

O pesquisador, o intelectual ou o filósofo requerem um refinamento de suas capacidades investigativas, ou seja, “mais humildes e para além de um conhecimento pensado por meio de ‘ismos’” (MEKSENAS, 2008, p. 71). Correr o risco de defrontar-se com o novo, com a alteridade dos fatos e dos sujeitos, assumir o sentido de sua prática de criação permanente, da estratégia do estranhamento sob os conceitos, seus limites, e possíveis diálogos interdisciplinares, ou seja, dedicar-se à “vida do filósofo, à investigação e à contemplação das coisas eternas, cuja beleza perene não pode ser causada pela interferência produtiva nem alterada pelo consumo humano” (ARENDRT, 2010, p. 15). Assim, fazemos a experiência do estranhamento, do poder de si mesmo, do mergulho na multiplicidade, longe de hierarquias, certezas, controles, mergulhando no desconhecido e na coragem de ousar.

Zaratustra em sua dança poética pela escrita como uma borboleta cria metamorfoses, possibilidades, devir pesquisador, devir filósofo, devir cartógrafo, devir etnógrafo. Dá piruetas, voltas, saltos, interroga, pergunta, articula procedimentos, informações, interliga com produções conceituais, estratégias de descrição e análise.

Afasta-se das convicções universais rígidas, aproxima-se dos pensamentos móveis, das formas e dos sentidos interdisciplinares de análise. Aprende e reaprende a ler de diferentes formas, ângulos, os artefatos culturais que nos cercam, evidenciando suas lutas históricas, suas estratégias, diferenças de análise e descrição dos sujeitos e objetos. Desloca, provoca fissuras entre as linhas e barreiras que separam ciência e literatura, conhecimento e ficção, arte e ciência, filosofia e informação.

É preciso estar disposto, aberto, para ressignificar, traçar linhas de fuga, mapear as redes de saber e as relações de poder que permeiam os sujeitos e objetos de conhecimento, seja os constituindo ou classificando-os. Saber relacionar as condições de emergência dos discursos, desconfiar da normalidade, colocá-la em questão.

Por articular questões cotidianas, fatos, acontecimentos, saberes, realidades, a pesquisa ganha também um caráter político, pois sob suspeita, desconfia-se sobre suas dimensões, exercita-se o que é dito e o que é pensado historicamente,

Uma crítica não consiste em dizer que as coisas não estão bem como estão. Ela consiste em ver sobre que tipos de evidências, de familiaridades, de modos de pensamento adquiridos e não refletidos repousam as práticas que se aceitam. A crítica consiste em caçar esse pensamento e ensaiar a mudança: mostrar que as coisas não são tão evidentes quanto se crê, fazer de forma que isso se aceite como vigente em si, não o seja mais em si. Fazer a crítica é tornar difíceis os gestos fáceis demais. A partir do momento em que se começa a não mais poder pensar as coisas como se pensa, a transformação se torna, ao mesmo tempo, muito urgente, muito difícil e, ainda assim, possível (FOUCAULT, 2006, p.180).

O processo de ruptura epistemológica com a continuidade e com a naturalidade exige responsabilidade e comprometimento enquanto pesquisador, de se investir no valor filosófico da escrita que põe em jogo uma pluralidade de códigos, que requer um vasto e disseminado saber a ser desconstruído pelo trabalho da linguagem pertencente à pesquisa.

É importante considerar também, alguns detalhes metodológicos, tais como nos aponta Cardoso (2012, p.236):

1. cuidar ao demorar para marcar singularidades dos acontecimentos;
2. espreitar os acontecimentos naquilo onde menos se espera, naquilo que não possui história, que é silenciado para a história da verdade não se apagar;
3. aprender o retorno do acontecimento, para redesenhar as diferentes cenas em que ele aparece;
4. definir os pontos de lacuna dos acontecimentos;
5. descrever minuciosamente as multiplicidades dos conflitos e as dispersões;
6. organizar os fragmentos de um saber explicitando suas interligações e implicações;
7. explicitar sempre as condições de possibilidade, interligando as coisas ditas em locais e tempos diferentes;
8. mostrar o funcionamento: as técnicas e os arranjos sutis para explicitar verdades e produções de sujeitos;
9. fazer aparecer a microfísica do poder, apresentando os dois lados do poder, o confronto entre ambos;
10. identificar a constituição de sujeitos nessas articulações entre saber e poder;
11. mapear como diferentes discursos operam para formar sujeitos que se reconhecem em determinados saberes e verdades;

12. percorrer os modos pelos quais o sujeito é convidado a posicionar-se frente a diferentes formações discursivas, por vezes conflitantes;
13. fazer aparecer os dispositivos positivos;
14. demorar no detalhe, pois o poder é uma anatomia do detalhe.

Esse percurso metodológico e artístico feito pelos pesquisadores, Zaratustras, é feito por inquietações, desafios, “uma aventura que não se sabe onde vai nos levar; ou melhor, que, depois de algum tempo, se saiba não ser mais possível abandonar” (MARQUES, 1997, p. 91).

A capacidade de compreender o sentido de uma profissão que não cabe apenas numa matriz técnica ou científica, mas sim em um novo olhar teórico sobre as problemáticas e campos de pesquisa, rompendo hierarquias, navegando pelos mares da multiplicidade das formas de conhecimento possíveis.

Referências

ALMEIDA, L. P. de. Literatura e a experiência do escrever: algumas reflexões sobre a resistência no seio da linguagem. **Revista Filos.**, Aurora. Curitiba, v.21, n.28, p.87-106, jan./jun. 2009.

ARENDT, H. **A condição humana**. 11 ed. RJ: Forense Universitária, 2010.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Paris: Librairie Philosophique, 1938.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução J. Guinsburg. 4. ed. São Paulo, Perspectiva, 1996.

BIRMAN, J. **Entre cuidado e saber de si**: sobre Foucault e a psicanálise. RJ: Relume Dumará, 2000.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. Editora Perspectiva, São Paulo, 2004.

CARDOSO, L. de R. Nos rastros da bruxa, comendo metodologias alquimistas. IN: MEYER, D.; PARAÍSO, M. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. BH: Mazza Edições, 2012, p. 219-242.

CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. POA: Mediação, 1996.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. In: www.oestrangeiro.net/, 1988.

FISCHER, R. M. B.. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**. n.114, p. 197-223, nov. 2001.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens/Vega, 2002.

_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. RJ: Forense Universitária, 2008.

_____. Est-il donc important de penser? In: FOUCAULT, M. **Dits et écrits IV** (1980-1988). Paris: Quarto; Gallimard, 2006, p.178-182.

_____. **Microfísica do poder**. RJ: Graal, 2000.

HÉBERT- SUFFRIN, P. **O Zaratustra de Nietzsche**. Edidtora: Jorge Zahar, 1991.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. SP: Centauro, 2002.

JACQUES, P. B. **Estética da ginga**: arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. RJ: Casa da Palavra, 2001.

KINCHELOE, J.; BERRY, K. **Pesquisa em educação**: conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Tradução, Célia Neves e Alderico Toribio. RJ: Paz e Terra, 1976.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ijuí: Unijuí, 1997.

MEKSENAS, P. **A trama do conhecimento**: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. SP: Papyrus, 2008.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. SP: Cortez, UNESCO, 2005.

NICOLAZZI, F. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. **Anos 90**, v.11, n.19/20, p.101-138, jan./dez., 2004.

NIETZSCHE, F. W. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. RJ: Civilização Brasileira, 2005.

OLIVEIRA, T. R. M. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em Educação. IN: MEYER, D.; PARAÍSO, M. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. BH: Mazza Edições, 2012, p.279-304.

POPPER, K. **Conjunturas e Refutações**. Brasília: UNB, 1982.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais e uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.) **Epistemologias do SUL**. SP: Cortez, 2010, p.9-71.

SILVA, T. T. da. Tinha horror a tudo que Apequenava... (Deleuze:biografia intelectual). **Revista Educação**. Vol 4-Especial Deleuze Pensa a Educação. SP: Editora Segmento, p. 6-15, 2007.

_____. **Um manifesto pós-estruturalista para a educação**. POA,2000. texto mimeo.7 p.

_____. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VEIGA-NETO, A.. Michael Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, M. V. (Org). **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 37-72.

_____. Alfredo. **Foucault e a educação**. BH: Autêntica, 2003.

Data de recebimento: 30 de julho de 2014.

Data de aceite: 05 de novembro de 2014.